

mais profundas; surge o conflito militar platino, de sérias conseqüências na vida política do país; a suspensão do tráfico negreiro, dez anos antes, mostra claramente os seus efeitos; a quietude é ameaçada, as tormentas vão se acumulando. Ao fim da década de sessenta, com a guerra terminada, tudo indica o início de fase nova, com reformas que se impõem e não podem ser proteladas; a luta política se acirra; a imprensa retoma o fio de sua história, interrompido com a Maioridade. Vai começar a agitação.

### A agitação

À medida que a guerra com o Paraguai ia se aproximando do fim, crescia a inquietação no país, ligada às velhas contradições que se haviam agravado com a estagnação política imperial, e repontavam, cada vez com mais violência. É sinal desse clima, já ameaçador da tempestade, a nota da *Opinião Liberal*, da Corte, a 13 de dezembro de 1867: "Foi resolvido em Conselho de Ministros a desapropriação de 30 000 escravos para formarem um novo exército libertador do Paraguai. Fechadas as Câmaras, meter-se-ão mãos à obra, com a urgência que o caso exige. Com um tal exército, espera o governo salvar a honra do país e desagravá-lo das ofensas recebidas. A conseguir esse resultado, o Gabinete Zacarias, que deve sua existência ao elemento servil, terá de registrar mais um grande motivo de gratidão a esse elemento. Limitamo-nos a consignar tão importante notícia; aguardamos por ora os comentários". Já a 28 de fevereiro de 1868, o mesmo jornal discutia o problema da guerra: "Paz, Paz! É o brado íntimo de um povo oprimido. A guerra converteu-se em desastre, a sua prolongação trará o cataclismo. O capricho imperial improvisou uma série de desatinos, desde o Estado Oriental, e esses desatinos têm pesado como um flagelo sobre o povo inocente. (...) E há quatro anos que essa guerra de inércia devora a população brasileira, vítima de um recrutamento feroz! (...) Continuar a guerra é matar barbaramente o país. A guerra está completamente abandonada pela opinião. (...) E, demais, a honra que se entrega aos cuidados de galés e pretos-minas não é honra, é uma mentira!".

O recrutamento, mesmo em tempos normais, era problema candente e os debates constantes a esse respeito mostram como assim era. Esses debates, nas Câmaras e na imprensa, tinham razão de ser: o recrutamento tocava de perto a propriedade, diretamente à servil. Com a guerra e sua crescente premência de efetivos, o problema assumiu proporções muito mais sérias. As desapropriações de escravos para as fileiras, cada vez em número maior, apesar de bem pagas — talvez essas alforrias tenham repre-